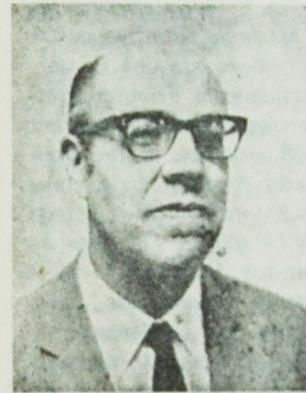


6

Padre Penido e o ensino da filosofia no Brasil

EVARISTO DE MORAES FILHO
Professor Emérito da UFRJ



O padre Penido foi um grande filósofo e professor fiel ao que sempre acreditou e pregou, atento aos problemas humanos, sociais e religiosos e preocupado com a salvação do mundo moderno. Na visão do discípulo e conferencista Evaristo de Moraes Filho, o padre Penido "foi um caminho para a verdade, marcante e inesquecível na consciência de quem lhe assistiu as aulas ou de quem lhe leu os livros."

Insta vida de do frei de janeiro.

1. Maurílio Teixeira Leite Penido veio ao mundo em Petrópolis ~~em~~ de 1895, falecendo setenta e cinco anos mais tarde, depois de longa enfermidade, ~~na cidade de São José de São Paulo onde viveu seus últimos dias aos cuidados de duas irmãs.~~ Atacado pelo mal de Parkinson, submeteu-se a ~~duas~~ operações no cérebro, de grande risco, tendo passado, em recolhimento os derradeiros anos de vida no Seminário Arquidiocesano de São José, no Rio Comprido, ~~onde se separou da família.~~ Encontra-se sepultado no cemitério da cidade que lhe serviu de berço, a pedido seu, para ficar junto de sua mãe,

a 1.º de novembro duas

D. Margarida, morta em dezembro de 1952. Mãe e filho nunca se separaram. Muito cedo ainda ela o levou para a Europa, em cujas terras permaneceu cerca de 35 anos sem vir ao Brasil, mas sem que deixasse de freqüentar os grandes clássicos da nossa língua. Vieira, Frei Tomé de Jesus, Padre Manuel Bernardes não lhe foram estranhos. Embora o francês lhe fosse a língua de uso normal nos seus cursos e no convívio com a sociedade na qual se integrara, era em português que conversava com a mãe, senhora dominadora, de grande energia e forte personalidade. Conheci-a ainda pessoalmente

→ onde faleceu a 23 de junho de 1970.

quando nos primeiros anos de aulas de Filosofia do seu ilustre filho, na Faculdade de Filosofia, no Largo do Machado, chegava e saía em sua companhia, assistindo-lhe as aulas, como se seu discípulo fosse, sentada entre os demais estudantes. "Diziam as más línguas, informa Alceu, que era para fiscalizar as alunas que já então constituíam a maioria dos assistentes".(1)

Doutorara-se em Letras pela Universidade de Paris (1913) e em Filosofia e Teologia pela Universidade de Friburgo, na Suíça. Ingressara no sacerdócio católico aos dezenove anos, indo estudar na Universidade Gregoriana, de Roma. Apesar do grande círculo de amigos e de mestres de Paris, nas segunda e terceira décadas do século, foi na Universidade de Friburgo que Penido formou o seu espírito e construiu a sua imensa cultura teológica. Mais de uma vez celebrou missa na capela dos Maritains, em Meudon — "uma graça muito preciosa nos foi concedida: a licença para que a missa fosse celebrada em nossa casa", informa Raissa(2) —, a qual era freqüentada por homens como Mauriac, Mounier, Gabriel Marcel, Du Bos, Pierre Reverdy, Jean Cocteau, entre outros. Na Universidade de Friburgo, admirável centro espiritual católico, destacavam-se as figuras dos professores Norberto del Prado e Francisco Marín-Sola, dois renomados teólogos tomistas. Ambos exerceram grande influência na formação teológica de Penido. Deve-se a eles, e, anteriormente, ao Padre Garrigou-Lagrange, a preocupação permanente de Penido com os estudos de teologia mística. Como Penido, também Charles Henrion, que, durante a Primeira Guerra, passara pela mesma Universidade dominicana, escreveu um excelente resumo dos livros de S. João da Cruz.

Outra grande influência sofrida em

Paris por Penido foi a do Abbé Henri Bremond, autor da monumental *Histoire littéraire du sentiment religieux en France*. O último volume dessa obra versa exatamente sobre a conquista mística e também a Newman dedicou Bremond um ensaio de biografia psicológica. Muito vieram a ter de comum, desde a personalidade até o próprio estilo literário, incisivo e irônico.

2. Quando Penido veio para o Brasil já era um nome consagrado na Europa com grande parte publicada da sua bagagem filosófica e teológica. Estreou em livro em 1918, com *La Méthode intuitive de M. Bergson. Essai critique*, sua tese de doutorado na Universidade de Friburgo. Nessa mesma Universidade doutourou-se em Teologia em 1928, cuja tese apareceu em 1931 em Paris, editada por J. Vrin, constituindo o tomo XV da Biblioteca Tomista, sob o título *Le rôle de l'analogie en théologie dogmatique*. Desde então fez-se professor na mesma Universidade, convivendo, entre outros, com o grande tomista Charles Journet, do qual se tornou amigo de todas as horas. Permaneceu no magistério em Friburgo até 1938, ano em que veio para o Brasil, por sugestão do Cardel Leme junto a Alceu Amoroso Lima, na época, à frente da Reitoria da Universidade do Distrito Federal. Escreveu-lhe Alceu, propondo-lhe a cátedra de Filosofia e, na carta, "lhe explicava a precariedade da nossa situação filosófica, especialmente em matéria de ensino".(3)

Só isso já justifica o título deste ensaio: Penido fora convocado na Europa para tentar renovar o ensino da Filosofia em sua terra natal. Esta a sua missão, dada a reputação de que gozava entre os maiores sabedores da matéria na França, na Suíça e na Itália, países por onde passou, estudou e viveu longamente. O Abbé M.T.—L. Penido, tido por alguns meios intelectuais

franceses como padre espanhol, de doutíssima tradição, constituiu-se em citação obrigatória nos temas de sua predileção e sobre os quais publicara grandes obras, rigorosas, de pesquisa séria, no melhor estilo acadêmico. No seu período europeu, vieram ainda à luz: *La conscience religieuse*, Chez Pierre Téqui, Paris, 1934; *Dieu dans le bergsonisme*, Desclée de Brouwer, Paris, 1934, além de dezenas de ensaios e artigos nas mais categorizadas revistas do pensamento católico. Os assuntos de sua preferência versavam sobre o bergsonismo, a psicologia religiosa (a teologia mística) e a analogia teológica. Talvez que a sua primeira contribuição tenha sido na revista alemã, *Divus Thomas*, editada em Berlim, "Conversão subconsciente e sobrenatural" (1920). Pouco mais tarde, na *Revue neo-scholastique* (Louvain, 1924), "Os atributos de Deus segundo Maimonides". A partir de 1930 faz-se colaborador constante da *Revue Thomiste*, editada em Paris e fundada em 1893. Eis algumas das matérias tratadas, sem qualquer pretensão de esgotar a relação: "Sobre o Espírito Santo" (1930); "Psicologia religiosa, fenomenologia, teologia" (1931); "Reflexão sobre a teodicéia bergsoniana" (1933); "Caetano e o nosso conhecimento analógico de Deus" (1934); "D. Anselmo Stultz e a teologia mística" (1937); "Glosas sobre a processão da alma na Trindade" (1937); "Prelúdio grego à teoria psicológica da Trindade" (1939); "A teologia de Maritain" (1939).

Na *Revue des sciences philosophiques et théologiques* (Paris J. Vrin, 1932) publicou "Sobre a "intuição natural" de Deus". Na *Ephemerides Theologiques* (Louvain, 1938), "A propósito da processão de amor em Deus".

2.1. Enquanto isso, Padre Penido era praticamente desconhecido entre nós vin-

do unicamente referido no compêndio do Padre Castro Neri (1931), nada mais. Inaugurando uma seção nova em *A Ordem*, de novembro/dezembro de 1933, sob o título de *Crônica de Filosofia*, assim se referia Alceu ao colaborador do dia: "A Ordem se honra, hoje, em publicar pela primeira vez uma página do nosso patricio, o jovem Abbé Penido, professor da Universidade de Fribourg, e cujo nome figura já entre autoridades da moderna filosofia escolástica. Contamos manter esta seção filosófica, graças ao concurso que nos traz o jovem e já filósofo brasileiro, que até hoje nada publicara em sua terra e a quem, pois, duplamente agradecemos estas primícias". Versava a crônica de Penido sobre a reunião de 50 filósofos em Juvisy, nos arredores de Paris, convocados pela Société Thomiste. Entre os grandes nomes presentes, lá se encontravam: Sertillanges, Mons. Noël, E. Gilson, J. Maritain, H. Gouhier. Era animador o número de leigos que se fizeram presentes. Dividiu-se o simpósio em duas seções, história e doutrina, e assim, bem à sua maneira franca e desabusada, começa Penido: "Digamos imediatamente que os relatórios foram muito longos". Um dos temas em debate versou sobre a possibilidade de uma filosofia cristã, isto é, sobre as relações da teologia com a filosofia. Segundo Penido esta só tem a lucrar com o auxílio da Revelação Divina, e, referindo-se à Idade Média: "nesses felizes tempos, os grandes filósofos eram todos grandes teólogos".(4)

Com a transferência para o Brasil, como que se desligou Penido das colaborações nas revistas européias. A sua produção passou a ser na sua língua pátria e nas revistas também nacionais. Costumava dizer a seus alunos na Faculdade Nacional de Filosofia: "O Brasil precisa mais de mim do que a Europa. Lá existem muitos

filósofos e teólogos". Presidiu a comissão examinadora do vestibular de Filosofia para a novel Faculdade em abril de 1939, e ficou alarmado com o despreparo dos candidatos. De dez somente dois lograram aprovação, sendo que tive a ventura de ser o primeiro classificado no Curso de Filosofia. Mais tarde, no convívio com os estudantes e mesmo com os meios intelectuais brasileiros, leigos ou não, não escondia a sua decepção. Duas eram as suas frases críticas, bem caracterizadoras do seu estado de espírito: "Fazer filosofia no Brasil é como plantar alface no Saara"; e "Aqui os estudantes sabem o supérfluo, mas ignoram o essencial".

Outra grande surpresa: o diminuto número de pessoas interessadas pelos estudos filosóficos. Basta dizer que somente quatro nos bacharelamos em 1949, quando em Friburgo dispunha Padre Penido de mais de uma dúzia de assistentes e colaboradores no exercício do seu magistério. A sua cadeira não apresentava programa previamente publicado, não se escravizando ele a unidades didáticas rigidamente alinhadas. A disciplina abrangia os três anos de bacharelado, sendo mesmo a sua espinha dorsal: Introdução à Filosofia, Lógica, Teoria do Conhecimento, Estética, Ética e Metafísica, sendo que de preferência do titular eram a primeira, a terceira e a sexta, cujas aulas eram professadas por ele próprio, ficando o restante para os seus assistentes, uns dois ou três. Frequentavam-lhe o curso também, em certas disciplinas e em determinadas séries, os alunos de Ciências Sociais e de Pedagogia.(5)

Penido não improvisava nunca; trazia as lições rigorosamente expostas em folhas de bloco, escritas a lápis. Mal chegado da Europa, usava *pince-nez* e óculos sem aros mais tarde, que lhe destacavam os olhos brilhantes, muito límpidos

dos e inquietos. Vilaça atribui-lhe "uns olhinhos de cobra". Mantinha-se sentado ligeiramente inclinado para a mesa, sobre a qual jaziam as pequenas folhas de papel dispostas em ordem. Não as lia mecanicamente nem as elevava à altura dos olhos como quem faz conferência. Utilizava-se delas na medida em que a aula avançava numa espécie de leitura dinâmica, num relance d'olhos, sem nunca hesitar nem repetir palavras. A voz era firme e clara, com completo domínio da lição. Costumava entremear a leitura com comentários e esclarecimentos, acompanhados de uma gesticulação sóbria e o olhar fixado em algum ponto distante da sala, raramente encarando os seus alunos. Concentrava-se na aula como quem celebra uma missa, com entrega total. Expunha e criticava, não raro sorrindo e dando um tom de ironia à frase. Percorria a temática do dia com inteira liberdade, associando, quando era o caso, qualquer ponto da filosofia antiga ou medieval com a filosofia contemporânea, com o pensamento atual, filosófico ou literário. A sua didática era a do interesse — e bem sabia despertá-lo em seus alunos — e não a do esforço. Saíamos todos da sala mais ricos e diferentes do que quando havíamos iniciado a aula. O encanto era geral, pois havíamos assistido a um grande mestre, já de volta na vida, seguro sem ser dogmático, firme sem ser intelecante.

Raramente recebia alunos ou quaisquer outras pessoas no seu apartamento de Copacabana, à rua Fernando Mendes, no quarteirão da praia. Nele morava com sua mãe e não dispunha de empregada doméstica. Nunca dispensou a batina, escura ou clara conforme a estação do ano, tão comprida que só lhe deixava os sapatos pretos de fora. Em casa só a usava de cor branca, e mais de uma vez o surpreendi, de manhã cedo, ajudando a genitora na

limpeza do apartamento. Este o Padre Penido, homem simples, austero, asceta, puro, rigoroso com os outros e consigo mesmo, tímido, mas irônico, e sarcástico quando necessário.

Nunca se integrou plenamente na cultura nacional. Quando da fundação da Universidade Católica, em 1941, reservou-lhe Léonel Franca a cátedra de Psicologia, mas nunca chegou a exercê-la. O seu ensino concentrou-se na Faculdade Nacional de Filosofia, sempre muito respeitado e admirado. Proferiu várias conferências, no Rio e em Petrópolis, inclusive no Centro D. Vital, e entregou-se ao apostolado e à catequese, sem nunca perder a dignidade de *scholar*. Piedoso, mas nunca vulgar, logo convencia da sua sinceridade e da sua imensa força interior, que se comunicava a todos que o cercavam.

Por isso mesmo discordo do meu amigo João Camilo de Oliveira Torres, que foi seu aluno na antiga Universidade do Distrito Federal em 1938, quando afirma: "No Brasil lecionando em seminários e faculdades de filosofia, não teria grande ambiente — mas deixou-nos bons livros sobre teologia, inclusive o excelente comentário sobre a Encíclica *Mysticis Corporis*, que o coloca entre os teólogos do Corpo Místico".(6) Discordo da primeira parte do texto, é claro. Penido tinha o melhor ambiente na Faculdade Nacional de Filosofia, era o professor mais acatado e respeitado do corpo docente, sendo para cada um dos seus estudantes aquele mestre inesquecível, que fica. Vários de seus alunos fizeram-se catedráticos, diretores de faculdade, autores de obras filosóficas e até presidentes do Centro D. Vital.

Não vem fora de propósito o depoimento de Alceu Amoroso Lima a este respeito, que merece transcrito: "O Padre Penido, que começara suas aulas em fran-

cês, logo no ano seguinte já pôde dá-las em português. E quando se fundou a Faculdade Nacional de Filosofia, em substituição à Universidade do Distrito Federal que fora encerrada, para ali se passou, como catedrático de Filosofia, sempre um tomista puro mas muito aberto, como era o seu próprio espírito. Deixou rasto entre os alunos, um dos quais, que chegou à sua classe sem sequer ser batizado, Eduardo de Mendonça, foi seu assistente e é hoje seu continuador na cátedra, autor de vários livros da matéria e diretor do Instituto de Filosofia e de Ciências Sociais da UFRJ. Entre outros de seus discípulos e continuadores, deveríamos citar o beneditino D. Ireneu Pena, um dos nossos que passaram de "doutores a monges", junto com o poeta D. Marcos Barbosa, o bispo de Friburgo, D. Clemente Isnard, um dos membros da Comissão Central de Liturgia no Vaticano, os abades de Salvador e Olinda, D. Timóteo e D. Penido, e o atual abade do próprio S. Bento no Rio, D. Inácio Acioly. Todos eles e outros, como o professor Evaristo de Moraes Filho, de certo modo pertenceram ao grupo de jovens que sofreram diretamente a influência de Penido, como o escritor Antonio Carlos Vilaça, e outros, assim como D. Martinho Michler, outra grande influência religiosa e filosófica da geração seguinte à minha. Pessoalmente também muito devo a esse grande mestre e figura humana impressionante". Quem frequentou a Faculdade, e lhe ouviu as lições, fica com Alceu.(7)

3. Grande foi a produção intelectual de Penido depois de chegado ao Brasil. A sua formação mística e apostolar, à medida que ia envelhecendo, levou-o cada vez mais para a teologia. Os ensaios brasileiros foram preferencialmente teológicos, e não filosóficos. Ainda em 1949 escrevia na revista *Nova et Vaetera*, de Charles Jour-

net, um belo ensaio sobre a conversão de Newman ao catolicismo, um dos temas de sua predileção espiritual. Na *Revista Eclesiástica Brasileira*, publicada em Petrópolis, numerosas foram as contribuições: "Aspectos psicológicos da conversão" (1941); "Misticismo e Iluminismo" (1941); "O problema do pleno amor" (1942); "O amor em Deus" (1942); "A meditação anselmiana sobre o Verbo" (1943); "A transformação da alma em Deus pelo amor" (1943); "O Apocalipse" (1947). Na revista *Verbum*, da Pontifícia Universidade Católica, do Rio de Janeiro, apareceram: "O discernimento filosófico e a experiência mística" (1944); "Leibniz e o inconsciente cognitivo" (1946).

Não tive a pretensão de fazer o inventário-exaustivo das colaborações de Penido em nossas revistas. Encontro, por exemplo, um pequeno mas luminoso ensaio seu na *Revista da Faculdade Nacional de Filosofia*, 1949, nº 1, sob o título de *Filosofia bergsoniana da guerra e da paz*. Vale a leitura do seu primeiro parágrafo, bem demonstrativo do estilo de Penido e da grande admiração que sempre teve por Bergson, cujas conferências frequentou em Paris, na década de 10: "Tantas vezes foi exprobrado aos filósofos o alhearem-se à vida, o encastelarem-se no mundo das abstrações estéreis ou no esoterismo pedantesco, que é com um pensamento quase de desforra que apontamos um pensador como Henri Bergson. Ele, no apogeu da glória abandonou a cátedra para servir a pátria, muito contribuindo a trazer o presidente Wilson à causa dos aliados; ao depois, consagrou-se à obra de pacificação no seio da Liga das Nações; e por fim, no decurso do último conflito, ele "resistiu", altivo, à opressão. O governo de Vichy, ao editar leis anti-semítas, previa exceções em favor daqueles israeli-

tas que bem houvessem merecido da França; e Bergson, incluído entre esses, recusou o privilégio; embora octogenário e quase paráptico arrastou-se pelas ruas de Paris, a fim de se fazer inscrever na pólice como judeu. Não era pois um sonhador. Ao contrário, sempre presente à realidade, procurava sempre prolongar a meditação em ação. Tantos maiores títulos tem, a que lhe ouçamos, atentos, os ensinamentos inspirados pela observação da crise contemporânea".(8) Voltaremos a esse ensaio de Penido, adiante.

Em matéria de livro grande ainda havia de ser a produção de Penido em terras brasileiras, versando toda ela temas teológicos ou religiosos. Foram eles: *O corpo místico*, Rio, 1944; *O Cardeal Newman*, Rio, 1946; *O itinerário místico de São João da Cruz*, Rio, 1949; *O mistério da Igreja*, Rio, 1953; *O mistério dos Sacramentos*, Rio, 1954 e *O mistério de Cristo*, Rio, 1968, seu derradeiro livro, elaborado em condições dramáticas de seu estado de saúde, quando já fundamente atacado pelo mal de Parkinson. Estes três últimos livros constituíam o que chamou de *Iniciação Teológica*, correspondendo à necessidade que sentiu no contato com os leigos católicos que o procuravam. Escrito sob forma de meditações, como esclarece Eduardo Prado de Mendonça: "Conciso, preciso, profundo, tocante, reflexo da aceitação da cruz com plena humildade. Deus sabe com que sacrifício ele o escreveu. Com uma paralisia progressiva, o seu esforço foi indescritível".(9)

Dele e de seus últimos tempos de vida diz Alceu num retrato perfeito da sua personalidade e numa emocionante homenagem à sua força de vontade diante do sofrimento: "Era um crânio, como se diz. E trazia para o Brasil uma base universitária e uma solidez cultural, mas também uma abertura de espírito só comparável à

do Padre Leonel Franca. Se teve este muito mais influência sobre a nossa geração que o Padre Penido foi devido ao seu temperamento extrovertido (embora moderadamente), em confronto com o temperamento exageradamente introvertido do Padre Penido, aliás compensado por um excepcional "sense of humour", que o acompanhou até os dias finais. Dias trágicos, aliás, no Seminário S. José, onde o fui encontrar, mudo e hemiplégico, mas com a mais impressionante limpidez de inteligência e escrevendo, com o mesmo espírito de sempre, sua parte em nosso diálogo".(10)

4. Era grande e constante a admiração do Padre Penido pelo pensamento filosófico de Bergson. Apesar de tomista, encontrava muito de comum nas idéias do filósofo francês, pelo que representou de reação e crítica ao materialismo e ao cientificismo do século XIX. O realismo cognitivo os aproximava bastante, como, mais tarde, irá aproximá-los a pregação de Bergson a favor da mística, como remédio para a salvação do mundo moderno, contra a mecânica. Em 1914 publicara Jacques Maritain *La Philosophie bergsonienne*, na qual dedica a segunda parte ao estudo comparativo da filosofia bergsoniana e da filosofia cristã, onde escreve em certo passo: "Bergson tem o imenso mérito de haver lutado sozinho (sozinho na Universidade), durante muito tempo, contra o materialismo supostamente positivo e contra o relativismo kantiano em que se dividia o mundo oficial, e eu me lembro ainda do acento de reprovação com o qual um dos nossos mestres na Sorbonne, morto hoje, condenava o "misticismo judeu-alexandrino", e, para dizer tudo, o *clericalismo* deste admirador de Plotino. Entretanto, os próprios excessos do método crítico e da religião da Ciência deviam suscitar uma

reação instintiva no sentido da vida concreta e da espontaneidade, senão mesmo no sentido do fastio da razão".(11)

4.1. Escrito em 1913, quando ainda não havia Bergson concluído a elaboração final de sua filosofia, a isso também referiu-se Maritain, mas não deixou de criticar o evolucionismo espiritualista de Bergson e a sua teoria do conhecimento intuicionista e pragmatista em prejuízo da razão e da inteligência. Idêntica é a crítica de Penido, na sua tese de doutorado, aparecida em Paris, quando o seu autor tinha apenas 23 anos de idade. De saída, logo considera Penido a filosofia bergsoniana como "a mais brilhante das filosofias contemporâneas". Dois são os pontos fundamentais do pensamento do autor de *Les donnes immédiates*: a impotência da razão (existência de uma visão imediata) e o ato de fé no valor da intuição. Para criticar essa posição, procura Penido, primeiramente, penetrar no sistema, vendendo-o, como se o aceitasse, de dentro para fora. Exageradamente antiintelectualista, acaba a filosofia de Bergson por apresentar uma verdadeira caricatura da inteligência, relegando-a ao plano da matéria, do morto e do espacial, impedindo-a assim de alcançar o absoluto, permanecendo no plano do relativo e do fragmentário. Defendia Penido a legitimidade da inteligência, que não deforma o real, embora neste haja mais do que no conceito. A intuição por si só, praticamente inexprimível para Bergson, não pode atingir o plano de validade universal, permanecendo na sua forma espontânea e individual.

A tese de doutorado de Penido socorre-se no mínimo de Santo Tomás de Aquino, embora nela apareçam referidos numerosos pensadores neo-tomistas, tais como Garrigou-Lagrange, Gemelli, Maritain, Peuillaube, Rolland-Gosselin, Flousselot. Revela-se completo o seu domínio

linguístico do grego, latim, alemão, inglês, italiano, além do francês, veículo de sua monografia.(12)

4.2. No segundo livro que escreveu sobre a filosofia de Bergson, *Dieu dans le bergsonisme*, já outro é o enfoque de Penido. Não se tratava mais de um ensaio sobre a teoria do conhecimento, num plano de juízos de realidade. Já agora, num plano mais elevado, de juízos de valor, cuidava da moral e da teodicéia bergsonianas. É que, coroando a sua obra, publicara Bergson, em 1932, *Les deux sources de la morale et de la religion*, na qual aqueles dois temas vêm longamente considerados. O *imprimatur* ao livro de Penido é de 7 de março de 1933, o que denota que o ensaio fora escrito de imediato, logo após a publicação da obra de Bergson. Apareceu em Paris em 1934. Assim começa ele o seu prefácio, sempre rindendo as homenagens devidas ao seu grande criticado: "Restituir o Único Necessário ao mundo contemporâneo, dilacerado por uma angústia sem fundo, há tarefa mais urgente? Ora, que o mais ilustre filósofo deste tempo, longe de querer como tantos outros constituir uma moral leiga e uma religião sem Deus, afirma com autoridade que a verdadeira moral é a dos Santos; que unicamente o Cristianismo dá uma resposta satisfatória às questões supremas; que a humanidade "meio esmagada sob o peso dos progressos que ela tem feito", não será salva plenamente senão se conseguir se corrigir "e olhar o céu"; — sem dúvida, o acontecimento é considerável, no domínio do espírito, e merece ser destacado".

Certamente, prossegue, o tomismo simpatiza com a inspiração cristã desta "nova teologia"; não pretende confinar-se numa atitude puramente negativa, pelo contrário, procura dar satisfação ao bergsonismo em tudo que lhe parece legítimo; aspira, enfim, a refrescar o seu espírito

em contato com um pensamento genial. Mas tudo, infelizmente, parece opor-se a esses louváveis desejos. Como conciliar bergsonismo e tomismo, sem faltar qualquer dos dois? É justo, é oportuno recusar a mão tão amigavelmente estendida, recusando o testemunho de uma alma tão evidentemente trabalhada pela Graça, que demonstra uma tocante simpatia pelo cristianismo em sua apologia apaixonada pelos seus místicos? A dificuldade não é insuperável, mas não bastam as intenções do autor, nem a extensão de sua adesão aos sentimentos religiosos cristãos. Nada disso constitui salvaguarda suficiente contra o erro, de vez que a filosofia se ocupa da verdade ou do erro das idéias. Diz Penido que não nutre contra o Mestre nenhuma prevenção sistemática; pelo contrário, admira-lhe o gênio, o trabalho e a inspiração de suas obras. O seu último livro, mais do que uma obra de filosofia, é o testamento de um Sábio. Há um terreno comum entre o tomismo e o bergsonismo: a experiência dos místicos cristãos. Infelizmente, o "Deus" bergsoniano não aparece como o Deus dos místicos, como ele pretende, mas como seu pálido sucedâneo. O bergsonismo não chega a ser uma filosofia cristã, permanece, antes, como uma aspiração — patética e incabada — para o cristianismo. Não distingue entre natureza e Graça, o seu misticismo restringe-se a uma concepção imanentista, bem próxima do panteísmo, ao mesmo tempo que distingue, indevidamente, a mística da Teologia. A grandeza única dos místicos reside, não no fato de que sua alma seja sacudida por uma emoção que se baste a si mesma, mas do fato que aceitam integralmente uma *mensagem*. A intuição mística não é uma simples intensificação da intuição filosófica, mas a realização plena de uma vida de fé. Há neles a presença inevitável de uma *dogmá-*

tica, não como simples meio de expressão, mas na base mesma da sublime experiência. Só assim o "Deus bergsoniano" encontrará, enfim, "o Deus da Bíblia, do Evangelho", ao qual aspira o próprio Bergson.(13)

Embora admirador sincero de Bergson, chegando a chamá-lo de gênio, como em mais de uma oportunidade deixou escrito, era sempre veemente a crítica que lhe endereçava Penido, não lhe permitindo ingressar no círculo rigoroso da filosofia tomista ou cristã propriamente dita. A 12 de junho de 1934 queixava-se Bergson a Jacques Chevalier: "O livro do Padre Penido me foi, eu o confesso, muito desagradável, e até me contristou. É preciso procurar a razão disso, eu acredito, no fato de que o Padre Penido, tendo uma vez julgado, não quis se retratar: ele me tachara outrora de panteísta; ele quer provar que ainda tem razão". Discordo do que diz Chevalier, bem mais adiante, da acusação de que Penido havia atacado violentamente a obra de Bergson.(14) Discordava, porque achava que a verdade só podia ser uma e única, mas sempre o fez com muita elegância e veneração por quem chamava de Mestre e a mais importante figura da filosofia contemporânea.

4.3. Em 1931 havia Penido publicado a sua obra fundamental, *Le rôle de l'analogue en théologie dogmatique*, logo transformada em livro clássico sobre o assunto.(15) Livro profundo, erudito, fruto de amadurecida meditação, foi saudado com entusiasmo e admiração pelos meios católicos e teológicos em geral. Em livro publicado no ano seguinte, Jacques Maritain o cita abundantemente sobre o tema, acatando sempre a sua opinião ou em apoio da própria. Numa página refere-se às suas "justas observações"; noutra, depois de citar várias outras obras sobre analogia, acrescenta o "livro excelente" de Padre

Penido. Adverte em certa passagem, porém, que Penido não utilizou exaustivamente, nos casos mistos de analogia, uma profunda observação de João de Santo-Tomás. Com abundante erudição e pleno domínio do tema, estuda Penido o problema da analogia no conhecimento de Deus, que não podemos conhecer diretamente, em si mesmo. É através da analogia de proporcionalidade que chegamos a esse conhecimento, pela proporção que existe entre os seres, sendo que um possui uma perfeição a título principal e perfeito e os outros a título secundário e limitado.(16) O ser das criaturas é separado de sua essência, é criado; e o ser de Deus é idêntico à essência, é necessário. O ser é análogo, como resulta da dupla exclusão da univocidade e da equivocidade. Além da analogia de proporcionalidade, analisa Penido a analogia da atribuição e os casos mistos.

4.4. Outra grande obra de Penido é *La Conscience Religieuse*, aparecida em 1ª edição no ano de 1934, logo reeditada no ano seguinte. Livro de psicologia religiosa, discute-se aí o problema da fé, da conversão religiosa e, sobretudo, o problema da mística, tomando o autor como tema especial de análise o exemplo e a personalidade de Maria da Encarnação. Contribui Penido para a tipologia geral da conversão religiosa cristã, discutindo a tipologia genética, a tipologia estrutural, com acréscimo da noção analógica da conversão. Além do capítulo sobre a "intuição" de Deus, no qual volta à crítica de Bergson, trata Penido longamente da mística e das teorias patológicas do ascetismo, refutando sobretudo a opinião de Pierre Janet. Nem a psicanálise lhe escapa.

5. Com isso esgotamos a rapidíssima exposição dos livros escritos por Penido

diretamente em francês, quando dos trinta e cinco anos em que viveu na Europa. Como já dissemos, os seis livros restantes da bibliografia do Padre Penido — que, em janeiro de 1956, recebeu da Santa Sé o título honorífico de Monsenhor — versam exclusivamente temas teológicos e religiosos. Em 1944 publica *O Corpo Místico* (Comentário da Encíclica "Mystici Corporis Christi"), de uma beleza extraordinária, na sua pregação da indestrutível solidariedade entre todos os seres humanos, crentes ou não, mas todos criados por Deus. Eis como começa o prefácio: "Um dos aspectos mais alentadores da situação religiosa atual é o crescente interesse do laicato pelas questões de doutrina. Em número sempre maior, os fiéis não mais se contentam numa instrução religiosa sumária; anelam por chegar até os penetrais do dogma, donde derivem luzes que lhes aclarem o caminho da santidade e orientem uma ação verdadeiramente católica. Esse promissor estado de coisas, que havíamos podido observar entre os católicos europeus, verificamo-lo também, embora em grau menor, no Brasil, fato que nos animou nesta tentativa de colocar ao alcance do laicato brasileiro os tesouros encerrados na Encíclica "Mystici Corporis Christi".

A doutrina do Corpo Místico concilia o individual e o social, o culto da pessoa e o senso coletivo. E logo a seguir: "Observa-se de todos os lados, naqueles que conservaram a fé, no meio da apostasia geral, uma tendência a viver a religião, a considerá-la não como um formalismo, um conjunto de práticas externas impostas pelo costume, mas algo de pessoal, de íntimo, de orgânico, um crescimento pelo interior. Não é que a religião exterior seja nociva; faltando-lhe, porém, um espírito profundo, degenera logo em superstição ou em farisaísmo. Ora, a doutrina do

Corpo Místico revela o espírito que deve animar a prática externa, espírito que se resume na incorporação a Cristo, na vida em Cristo. Bem assimilada, essa verdade fundamental liberta, simplifica, transfigura as almas".

A razão, por si só, não pode compreender nem explicar a fé, na qual "respiramos sempre uma atmosfera de mistério". "Se entendes, não é Deus", lembra Penido as palavras de Santo Agostinho. A inteligência é demasiado fraca, embora se coloque também a serviço da fé. "Todavia, esclarece Penido, às almas generosas o Senhor muitas vezes concede que possuam nas trevas, pelo amor, as realidades sublimes que o intelecto não logra atingir. Experiência vivida das coisas divinas que constitui a mística".

Frisa Penido que, "nos diversos documentos produzidos por Pio XII, muito se insiste sobre a tutela, a revalorização da pessoa, no mundo contemporâneo". E cita dois textos a este respeito. Um deles assim começa: "Quem deseja que a estrela da paz nasça e se detenha sobre a sociedade, concorra por sua parte a *devolver à pessoa humana a dignidade* que Deus lhe concedeu desde o princípio." (17)

5.1. Esta também uma constante no pensamento e em toda a obra de Penido, em sua pregação apostolar e social. Dois anos depois, com *O Cardeal Newman*, preocupa-se com o mau uso da ciência, com o emprego bélico da energia atômica: "Ingênuo seria amaldiçoar a ciência, ou mesmo proclamar-lhe a falência; urge apenas colocá-la no lugar competente: o de mero instrumento, de que podemos usar para o bem ou abusar para o mal. A era atômica consumou a derrocada dos adoradores da Ciência". A ciência não basta, com os seus juízos de realidade; é preciso uma filosofia, não uma filosofia meramente técnica para especialistas,

porém um "ideal de vida" inspirado pela filosofia, apontando para um Fim, para um "remédio supremo". Esse remédio já havia sido entrevisto por Newman: "Convencido da minguada eficácia prática da filosofia, sobrepôs à inspiração metafísica ou moral, por mais elevada fosse ela, a *fé cristã em Deus*. Ora, não deixa de ser digno de nota que, um século mais tarde, o mais genial filósofo contemporâneo (Bergson) haja chegado a conclusão idêntica".

E aprofundando, na mesma linha: "Grande ilusão o imaginar que a educação religiosa da juventude se resolve com uma aula de catecismo por semana. Somos homens e não psitacídios. As verdades memorizadas, é mister torná-las vida. Newman insiste, sem esmorecer, sobre a imprescindível necessidade de uma fé actuosa, vivida. Não apregoa uma crença teórica, platônica, ensina a viver em presença de Deus. É doutrina da Igreja, sem dúvida, mas a originalidade de Newman consiste em ilustrar os aspectos concretos dessa verdade" (. . .) "Ao homem contemporâneo, desnorteado, acabrunhado de dores, Newman aponta duas realidades riosamente evidentes: a alma e seu Criador. Mas, em que região se pode encontrar o Deus vivo e a alma viva? — Nos refolhos da *consciência moral*, ensina Newman. O Deus que ele anuncia não paira no império — como o ser supremo dos deístas — nem se dilui pela natureza como a deidade invertida dos panteístas. — Não, Ele desce à consciência do homem, dela se apodera e nela traça o sulco mais profundo: a lei moral. Voz do dever, voz de Deus. Aquela "dignidade da pessoa humana", que tantos proclamam sem precisar em que consiste. Newman ensina que ela se funda, de certo, na alma espiritual, na razão, na liberdade, mas, em última análise, consiste

em *servir a Deus*". Tudo consiste em ser guiado por Deus, transformando em vida pura e humilde a fé em Deus. E tudo isso se encontra no próprio Newman: "a inflexível constância, a lealdade sem jaça, a generosidade sem arrependimento".

O que de Newman diz Penido é o seu próprio retrato: como insigne exemplo da aliança entre a ortodoxia inflexível e a atitude acolhedora e progressista. Pregando a reforma social: "Hoje, enfrentamos outros problemas. Encontram-se sobretudo no campo social. Aqui também há a deplorar a atitude de inúmeros católicos, emperrados numa resistência puramente negativa ao comunismo, olvidando que se Pio XI condenou o comunismo, também condenou o capitalismo contemporâneo. Desde Leão XIII clamam os papas pela reforma social. Cegos e moucos, muitos católicos confundem reforma social com obras de beneficência, quando necessitamos ainda mais duma reestruturação social mercê de instituições jurídicas que assegurem mais equitativa distribuição dos bens materiais e culturais. Se essa reforma não for feita pelos cristãos, far-se-á contra os cristãos. Porque certamente se fará". (18)

Como se sabe, Newman é um dos maiores convertidos ao catolicismo na história da Igreja. A 9 de outubro de 1845 abjurou a fé anglicana convertendo-se à Igreja Católica. É essa conversão, o seu lento amadurecimento, vista de dentro, na própria consciência e na própria vida do grande convertido, que Penido estuda nesta obra emocionante, ardente, de grande elevação, que Gilberto Freyre considera "como o melhor livro escrito por Padre no Brasil". Quando colegial em Paris, como prêmio de inglês, recebeu Penido uma biografia de Newman. Logo enamorou-se por ele: "Com que veneração e fervor peregrinei mais tarde por

aquele Oxford onde brilhara, sofrera, encontrara a verdade! Com que maravilha lhe fui aos poucos estudando as obras!" Felizmente, a instâncias de Alceu Amoroso Lima, pôde finalmente "realizar a antiga aspiração".

5.2. Num crescendo de sublimidade, de ascetismo e de completa entrega de si mesmo a Deus, escreve Penido *O Itinerário místico de S. João da Cruz* em 1949. A sua admiração pelo filósofo francês, objeto de dois livros seus, não deixa de estar presente mais uma vez: "Constitui imperecível merito de Henri Bergson o ter percebido, embora judeu, que acima de tudo mais, necessitava o mundo de ouvir a mensagem do misticismo cristão." (19)

Anteriormente, porém, havia deixado escritas estas palavras de fogo e de censura: "Tão desalentadoras as condições deste mundo apodrecido, que a água morna do chamado "catolicismo burguês" se mostra de modo ineficaz. Só um sobrenaturalismo total poderia derrotar esse naturalismo avassalador; só um espiritualismo sem reticências conteria a animalidade desenfreada, só a presença de Deus lograria povoar a amarga solidão da alma contemporânea. Ódios internacionais — nacionalismos e imperialismos frenéticos, desejos de vingança ou de desforra — ódios nacionais — lutas de classe, sórdidos egoísmos, rancores, ressentimentos, invejas — que força seria bastante para deter a rubra torrente, senão o Amor a viver no coração dos Santos! Infinitamente mais do que de políticos e economistas, carece o mundo dos valores da santidade. Surgisse de novo Francisco de Assis e logo amansaria o lobo de Gubbio".

De passagem, Mahatmã Gandhi mereceu citação e também elogios de Penido, mas pergunta: "Por que João da Cruz? Porque, se desejamos entrar em contato com o misticismo católico, justo é procurar

quem a mesma Igreja nos apresente como Douto místico". (. . .) "João da Cruz não é uma criação da fantasia; aquele fradezinho votado ao amor existiu realmente, seus escritos refletem uma experiência não já imaginada senão vivida". (20)

Como todos os livros de Penido, tanto *Newman* como este, *O itinerário místico*, são ricos de informação, descendo a minúcias de uma paciência beneditina e servidos por exaustiva bibliografia. O amor, a caridade, o desejo de servir estão em cada página. Penido, como Newman, "não só exarou, como viveu, esta áurea sentença: "nossa liberdade consiste em sermos cativos da verdade". Dizia Penido a seus alunos que não havia escrito *O itinerário místico* somente para os outros, fizera-o também para si próprio, pois já era hora de saber se o que escrevera representava de fato o que pensava e aquilo em que cria.

5.3. Os três últimos livros de Penido — *O Mistério da Igreja*, *O Mistério dos Sacramentos* e *O Mistério do Cristo* — constituem o coroamento da sua missão apostolar, submetidos os três ao título genérico de *Iniciação Teológica*.

6. A vida de Penido foi bem o exemplo daquilo em que sempre acreditou e que sempre pregou. Homem simples, compreensivo e piedoso, quando do falecimento de sua mãe doou todos os seus bens para obra de auxílio às vocações sacerdotais, ou obras pias, dividindo a biblioteca, também em doação, para a Universidade Católica do Rio de Janeiro e para o Seminário Arquidiocesano, onde passou a morar. No que lhe restou de vida, utilizava-se dos proventos de aposentado para auxiliar os seminaristas pobres. Segundo ele próprio, "não prega o místico apenas por palavras, mas sobretudo pelo exemplo; não disserta sobre o amor, ama e por isso mesmo desperta amor".

Assim foi o professor de Filosofia que aqui aportou em 1938. Modesto, inteiramente avesso à publicidade e ao escândalo, fazendo-se apagar, excessivamente severo consigo mesmo, não logrou Penido entre nós o renome de pensador e de filósofo que merecia. Quanta falsa glória anda por aí, e que não estaria nem à altura dos seus joelhos! A sua obra foi melhor saudada e talvez admirada por autores estrangeiros. Os seus três últimos grandes livros europeus mereceram palavras elogiosas, na *Revue Thomiste*, nada menos do que de Gustave Thibon, Jacques Maritain e o dominicano Benoit Lavaud. Charles Journet não lhe esqueceu o nome no seu tratado sobre Eclesilogia.

6.1. E aqui, como o trataram? Não posso nem devo fazer um inventário completo das referências que lhe fizeram, por impossível e desnecessária. Responsável pela sua vinda em 1938, constituiu-se Alceu em seu principal amigo e admirador nestas bandas do Atlântico, num convívio e numa comunhão estreita de idéias e crenças. Em várias de suas obras, a partir de 1936 (*O Espírito e o Mundo*), lá está o nome de Penido, com o realce sempre da sua contribuição. Recomendava ele a leitura de *Dieu dans le bergsonisme*, para o conhecimento dos graves erros da concepção mística de Bergson, à luz da filosofia do ser e não do vir-a-ser. Referia-se ao jovem filósofo brasileiro, "já hoje consagrado nos círculos filosóficos europeus, como uma das grandes cabeças do pensamento moderno: Maurílio Teixeira Leite Penido, professor de filosofia, na Universidade de Friburgo (Suíça), autor de um livro sobre a "intuição" bergsoniana e de uma obra sobre a "Analogia", considerada por críticos como Maritain ou Roland Dalbiez, como sendo o que de mais profundo se escreveu, até hoje, sobre o assunto. O P. Penido já é hoje um pensador que

honra o Brasil perante o mundo. E o livro, sucinto mas definitivo, como disse o P. de Muninck, que dedicou ao estudo de "Dieu dans le Bergsonisme" (261 páginas, 1934) é uma crítica rigorosa, mas extremamente justa da concepção bergsoniana da mística". (21)

Penido aparece também, mais referido do que estudado, nos ensaios de Lídia Acerboni, João Cruz Costa, Leonel Franca, Geraldo Pinheiro Machado, Luís Castagnola, que lhe dedica meia página. Fernando Arruda Campos, que lhe dedica duas páginas, concluindo que "o Padre Penido deve ser considerado um dos mais eminentes filósofos neotomista do País". Apesar disso, e não sabemos a causa, seu nome não aparece no recentíssimo Catálogo de 6 obras filosóficas brasileiras. Para Ubaldo Puppi só há um tomismo, "o de Santo Tomás de Aquino, substancialmente conservado e vitalmente continuado em Capréolo, Cajetano, Bañes, Ferrariense, João de Santo Tomás, Garrigou-Lagrange, Maritain, Gilson, Laboudertte, Penido, etc." (22)

6.2. Padre Penido foi, sem dúvida, um grande filósofo e um grande professor, rigorosamente tomista, sem perder o sentido do moderno, voltado para a erudição e para o tradicional, mas atento aos problemas humanos, sociais e, sobretudo, religiosos do seu tempo. Tudo que fez e deixou foi bem feito, bem estudado, bem meditado, sem pressa nem afetação, mas voltado para Deus e para os homens, preocupado com a salvação do mundo moderno, e só no amor via a salvação. Sofreu, muito, durante longo tempo antes de morrer, mas já em *Apocalipse*, de 1947, havia deixado escrito: "Os que eu amo, eu castigo". A nós, seus alunos na Faculdade, costumava dizer, nos poucos momentos de alguma intimidade: "Eu quero ser como um caminho que se usa e esque-

ce". Ele foi um caminho, sim, mas o caminho para a Verdade, marcante e inesquecível na consciência de quem lhe assistiu as aulas ou de quem lhe leu os livros.

Por isso, o homem mais avesso a confidências e intimidades que se possa imaginar permanece ainda hoje com cada um de nós, vivo, atual, exemplar.

NOTAS

1 — AAL, *Memórias improvisadas*, Petrópolis, 1973, p. 203, que acrescenta, com razão: "O seu ensino era luminoso, embora severo e sem a menor sombra de retórica". O primeiro curso que deu, na UDF e ainda no ano de 1938, foi sobre a filosofia de Bergson.

Vale a leitura também das páginas ou das passagens que lhe dedica Antonio Carlos Vilaça, *O nariz do morto*, Rio, 1970, pp. 65, 90/91, 134/135, 160, 179, 188 e 204. Num livro de ótima qualidade, mas amargo, às vezes o nosso querido Vilaça é injusto e caricatural com Penido.

2 — R. Maritain, *As grandes amizades*, trad. de Josélia M. de Oliveira, Rio, 1947, pp. 310 e 329. Cf. também A.C. Vilaça, *O pensamento católico no Brasil*, Rio, 1975, p. 136. Estas páginas de Vilaça — "Penido, um europeu exilado", 134/142 —, tão diferentes das anteriores, de suas memórias, são o que de melhor e mais extenso se escreveu sobre Penido no Brasil.

3 — AAL, *id.*, *ib.*

4 — *A Ordem*, nov./dez. 1933, pp. 865/872.

5 — Entre os quais, como aluno de Ciências Sociais, o nosso querido colega de Conselho, Prof. José Artur Rios, que tirou primeiro lugar no vestibular do seu curso.

6 — J.C. de Oliveira Torres, *Idéias religiosas no Brasil*, São Paulo, 1968, p. 196.

7 — AAL, *ob. cit.*, p. 205. Tive a honra também de ser Auxiliar de Ensino do Padre Penido nos anos de 1954/56.

8 — Revista citada, pp. 21/27.

9 — E. P. Mendonça, "Depoimento sobre Maurílio Teixeira Leite Penido", *A Ordem*, jul./set. 1974, p. 99.

10 — AAL, *ob. cit.*, p. 203.

11 — J. Maritain, *La philosophie bergsonienne*, 3a. ed., Paris, 1948, pp. 81/82.

12 — T.—L. Penido, *La méthode intuitive de M. Bergson. Essai critique*, Genebra-Paris, 1918, *passim*.

13 — M. T.—L. Penido, *Dieu dans le bergsonisme*, Paris, 1934, *passim*. Às páginas 227/228 refere-se Penido à crítica severa de Joseph de Tonquédec a Bergson, e acrescenta: "O vigor do ataque não impede aliás o autor de render uma justa homenagem ao gênio do grande filósofo: "O bergsonismo é sem dúvida a corrente de pensamento mais completa e mais poderosa que haja atravessado nestes cem anos nosso mundo filosófico. A crítica muito franca que lhe fazemos nada retira desta opinião: não se critica amiúde — e Bergson em primeiro lugar — Platão, Aristóteles ou Kant, sem deixar de tê-los como gênios filosóficos de primeira ordem?" Fazemos nossas, muito particularmente, estas tão justas palavras".

14 — J. Chevalier, *Entretiens avec Bergson*, Paris, 1959, pp. 210 e 265.

15 — A obra foi traduzida por Dinarte Duarte e publicada pela Editora Vozes, Petrópolis, 1946. O próprio Penido fez a revisão.

16 — J. Maritain, *Distinguer pour unir ou Les Degrés du savoir*, Paris, 1932, pp. 433, 475, 821 e segs.; 839.

Régis Jolivet, *Traité de Philosophie*, III, *Métaphysique*, Paris, 1946, p. 475, sobre o tema, ci-

ta somente dois autores, Tonquédec e Penido. Vem este igualmente referido no *Diccionario de Filosofia*, t. I, Buenos Aires, 1969, p. 102 (analogia), de Ferrater Mora.

17 — *O Corpo Místico*, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1944, pp. 5/7, 84 e 96.

18 — *O Cardeal Newman*, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1946, pp. 6/8, 10, 12/13, 15, 83, 117/8, 183, 197. É também assombrosa a pesquisa bibliográfica levada a efeito por Penido, na sua maioria em língua inglesa, de seu inteiro domínio.

19 — *O Itinerário Místico de S. João da Cruz*, 2a. ed., Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1954, p. 5.

No artigo, já referido, de 1949 *Filosofia bergsoniana da guerra e da paz*, de grande beleza conceitual e estilística, exalta Penido a inefável contribuição de Bergson para a compreensão e o alcance da mística cristã.

20 — *O Itinerário*, *cit.*, pp. 6 e 8. Citando Silvério, assim termina Penido o seu magnífico livro: "Os rios de amor dessa alma, já tão largos e represado que pareciam mares, desaguaram enfim no oceano divino do Amor". . . Era a morte de S. João da Cruz.

21 — ALL, *O Espírito e o Mundo*, Rio, 1936, pp. 331/333.

22 — L. Acerboni, *A filosofia contemporânea no Brasil*, São Paulo, 1969, pp. 141, 147, 212; J. Cruz Costa, *Panorama da História da Filosofia no Brasil*, São Paulo, 1960, p. 78; L. Franca, *Noções de História da Filosofia*, 14a. ed., Rio, 1955, pp. 232, 255/256, 281; G. Pinheiro Machado in J. Hirschlerger, *História da Filosofia Contemporânea*, trad. e pref. de Alexandre Correia, São Paulo, 1963, p. 303; L. Castagnola, in H. Padovani e L. Castagnola, *História da Filosofia*, 2a. ed., São Paulo, 1956, pp. 452, 462, 493, 506; F. A. Campos, *Tomismo e neotomismo no Brasil*, São Paulo, 1968, pp. 117/119, 187; Centro de Documentação de Pensamento Brasileiro, *Catálogo de obras filosóficas*, Salvador, 1983; U. Puppi, *Itinerário para a Verdade*, Rio, 1955, p. 94. Aparece ainda Penido citado em João Camilo de Oliveira Torres, *A democracia coroada*, Petrópolis, 1964, pp. 32 e 403.

Não tivemos, com isso, a menor pretensão de haver esgotado o universo de referências a Penido em língua portuguesa. Valeram somente a pesquisa e a boa vontade, como um começo de caminho. Nada mais.

Grande de seu centenário em 1995, D. Edilton

Conferência pronunciada a 01/12/1983.

Mama, O.R.S., publicou Padre Penido - Vida e pensamento, Petrópolis, Vozes, ed., 318 pp., relato vivo e completo sobre o nosso querido e realmente sandeuo mestre. Livro de pesquisa de admiração e de afeto. Padre Penido escreveu o seu biógrafo.